



Nossa Senhora da Penha de França: caminhos da devoção entre São Paulo e Minas Gerais | *Leonardo Caetano de Almeida*

*mestrando em história da arte pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) |
leonardo.caetano@unifesp.br*

Resumo: Originariamente hispânica, a devoção a Nossa Senhora da Penha de França está presente na cidade de São Paulo desde 1667, quando da chegada de uma imagem da Virgem, típico exemplar da imaginária seiscentista, em torno da qual se desenvolveu intenso fervor religioso, sobretudo nos séculos XVIII e XIX, a ponto de ser aclamada pela população como Padroeira da capital. Daquele outeiro periférico onde se ergueu a Igreja da Penha, local de pouso e rota de passagem de bandeirantes, tropeiros, comerciantes e outros viajores a caminho do Vale do Paraíba, Rio de Janeiro e Minas Gerais, o culto à Senhora da Penha irradiou-se, a partir do século XVII, para os sertões mineiros, possivelmente difundido pelas bandeiras paulistas. Em Minas Gerais, as primeiras localidades onde se desenvolveu a devoção à Virgem da Penha seriam o Distrito de Penedia (em Caeté), Pitangui e o Distrito de Vitoriano Veloso, popularmente designado 'Bichinho' (em Prados). Nesses povoados, constatamos uma imaginária religiosa cristalizada a partir dos exemplares escultóricos de Nossa Senhora da Penha que presidiram a fundação de tais localidades e que, dotados de particularismos iconográficos e iconológicos, permitem-nos pensar a devoção em circulação, estabelecendo um diálogo entre São Paulo e Minas Gerais.

Palavras-chave: Nossa Senhora da Penha; Devoção; São Paulo; Iconografia; Minas Gerais

Our Lady of Penha de França: paths of devotion between São Paulo and Minas Gerais

Abstract. Originally Hispanic, the devotion to Our Lady of Penha de França has been present in São Paulo since 1667, when an image of the Virgin arrived, example of 17th century imagery, around which intense religious fervor developed, especially in the 18th and 19th centuries, to the point of being acclaimed by the population as the patron saint of the capital. From that peripheral hillock where the Penha Church was built – a place to spend the night and passage route for pioneers, drovers, merchants and other travelers on their way to Vale do Paraíba, Rio de Janeiro and Minas Gerais – the cult of Lady of Penha, from the 17th century onwards, spread to the Minas Gerais' countryside possibly by the São Paulo *bandeiras*. In Minas Gerais, the first places where the devotion to the Virgin of Penha would have been developed are Penedia (Caeté), Pitangui and Vitoriano Veloso, popularly known as 'Bichinho' (Prados). In these villages we can find the religious imagery developed from the sculptural examples of Our Lady of Penha that presided over the foundation of such locations and which, endowed with iconographic and iconological particularities, allow us to think about the devotion in circulation, establishing a dialogue between São Paulo and Minas Gerais.

Key Words: Nossa Senhora da Penha; Devotion; São Paulo; Iconography; Minas Gerais



O percurso de uma devoção que cruzou penhascos ao longo dos séculos

Dentre as invocações marianas que vigoraram no período colonial brasileiro, notadamente no tempo de vigência da União Ibérica, está a de Nossa Senhora da Penha de França, que, embora não seja uma das mais disseminadas, encontrou grande ressonância entre os fiéis. Passados os séculos, comunidades religiosas erigiram, por todo o país, igrejas e capelas sob a invocação da Virgem da Penha, devoção que, hoje, congrega notável número de fiéis, haja vista, por exemplo, as Festas da Penha, com suas grandes procissões, romarias e peregrinações, em Vila Velha – ES¹, João Pessoa – PB², Recife – PE³, Guarinos – GO⁴, Rio de Janeiro – RJ⁵, Sorocaba – SP⁶, São Paulo – SP⁷, Atafona (São João da Barra – RJ)⁸ e outras.

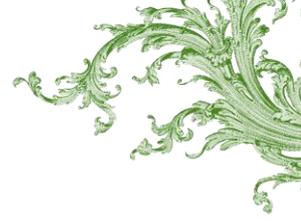
A invocação de Nossa Senhora da Penha de França é originariamente espanhola, com início no século XV, na chamada *Peña de Francia*, parte da *Sierra de Francia*, Província de Salamanca. Nesse local foi encontrada, em 1434, pelo peregrino Simão Vela, uma escultura medieval da Virgem com o Menino⁹. Já no Brasil, a devoção principiou-se no ano de 1558, em Vila Velha, antiga Capitania do Espírito Santo. Ali, no alto de um penhasco, Frei Pedro Palácios ergueu uma ermida dedicada a Nossa Senhora das Alegrias, que deu origem ao famoso Convento da Penha¹⁰.

A cidade do Rio de Janeiro, na Freguesia de Irajá, foi a segunda onde se desenvolveu o culto à Virgem do Penhasco em 1635, do qual se originou o conhecido Santuário com a imensa escadaria esculpida na rocha¹¹; seguida por Recife – PE (1642)¹², Araçariguama – SP (1640)¹³, Sorocaba / Votorantim – SP (1650)¹⁴ e São Paulo – SP (1667)¹⁵, onde Nossa Senhora da Penha foi aclamada Padroeira da cidade.

As capelas ou igrejas dedicadas à Virgem da Penha após a ereção daquela de São Paulo são, muito provavelmente, a de Porto Feliz (1721)¹⁶ e as de três núcleos mineiros que a têm por Padroeira e que nos parecem ser os mais antigos de todos aqueles que estão sob o patrocínio da Virgem da Penha em Minas Gerais: Distrito de Penedia (Município de Caeté), Município de Pitangui e Distrito de Vitoriano Veloso, chamado popularmente Bichinho (Município de Prados). Dito de outra forma, consideramos essas três localidades como sendo as primeiras em Minas Gerais, onde se desenvolveu o culto a Nossa Senhora da Penha de França. Hoje, tal invocação mariana encontra-se disseminada por todo o estado, que concentra capelas, igrejas paroquiais e santuários dedicados à Senhora da Penha. Como exemplo, temos as primeiras igrejas da Penha das cidades de Resende Costa (1749)¹⁷, Passos (1864)¹⁸ e Barbacena (1910)¹⁹.

Desse modo, se as capelas de Penedia, Pitangui e Bichinho não forem as mais antigas dedicadas à Senhora da Penha de França em solo mineiro, estão, ao menos, entre as primeiras e, portanto, podem ser consideradas representativas no sentido de nos fornecerem pistas da gênese desse culto mariano em Minas Gerais.

Conforme afirmamos, a invocação de Nossa Senhora da Penha de França se desenvolveu por todo o país, não se restringindo ao Sudeste, particularmente ao eixo



São Paulo – Minas Gerais. A título de ilustração dessa premissa, temos as igrejas, capelas ou santuários da Virgem da Penha em Penha – SC, Jaraguá – GO, João Pessoa – PB, Serra Talhada – PE, Salvador – BA e outros tantos. Entretanto, nesse mapeamento do culto a Nossa Senhora da Penha no Brasil, fixamo-nos, justamente, no supracitado eixo São Paulo – Minas Gerais. Na verdade, buscamos verificar uma possível relação entre a devoção que se desenvolveu na capital paulista e que teria sido levada por bandeirantes e outros viajantes até as localidades mineiras de Penedia, Pitangui e Bichinho, de onde o culto provavelmente foi se irradiando direta ou indiretamente pelo restante do estado.

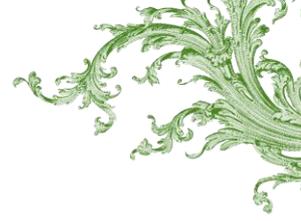
43

Ao tentarmos compreender e problematizar a chegada da devoção a Nossa Senhora da Penha às Minas Gerais, muito provavelmente advinda da cidade de São Paulo, apoiamo-nos em duas frentes: 1) histórica e 2) iconográfica-iconológica. A frente histórica se dedica à breve indicação de alguns registros das origens das localidades mineiras onde se encontram os primeiros templos dedicados à Virgem da Penha. Toma, assim, por base, as rotas das bandeiras e dos caminhos a Minas Gerais nos séculos XVII e XVIII e que passavam pelo bairro da Penha de França em São Paulo. A frente iconográfica-iconológica, por sua vez, busca estabelecer, por meio de um estudo comparativo, semelhanças e diferenças na iconografia dos exemplares escultóricos da Virgem da Penha que presidiram a fundação dos núcleos paulistano e mineiros citados. O intuito é de que esse estudo iconográfico-iconológico possibilite perceber se existe alguma influência e/ou transmissão de elementos simbólicos, estilísticos ou de atributos da imagem de São Paulo às de Minas Gerais, revelando, assim, uma possível ligação e sequência do culto a Nossa Senhora da Penha entre esses dois polos.

Para discorrer sobre essa hipótese, é imprescindível compreendermos as origens da devoção, primeiramente na cidade de São Paulo, e as razões históricas ou míticas que lhe conferiram uma aura miraculosa, que, provavelmente, fortaleceu o culto à Virgem, favorecendo a difusão dessa piedade para além das fronteiras paulistanas. Em seguida, cabe-investigarmos as origens dos povoados de Penedia, Pitangui e Bichinho, buscando entender como ali teria chegado a invocação da Senhora da Penha de França.

Entre um viajante francês e um padre sertanista: origens da devoção à Virgem da Penha em São Paulo

Desde sua gênese na cidade de São Paulo, a devoção a Nossa Senhora da Penha apresentou-se bipartida entre o mito e a história. O mito, neste caso, imerso numa atmosfera de mistério sagrado, próprio da fé e da religiosidade popular tão comuns em cantos e recantos do Brasil colonial, marcado pelo regime do Padroado, encontrou terreno fértil na colina do bairro da Penha de França da capital paulista. Assim, não é de se estranhar que, até os dias atuais, as lendas de histórias miraculosas



acerca da chegada da imagem àquele outeiro estejam ainda tão vivas e difundidas entre os fiéis de Nossa Senhora da Penha, além de exercer sobre eles um fascínio que somente o extraordinário pode gerar.

Sylvio Bontempi²⁰ e Leonardo Arroyo²¹, respectivamente historiador do bairro da Penha de França e historiador das igrejas de São Paulo, são concordes quanto à versão lendária das origens do bairro, segundo a qual um viajante francês, a caminho do Rio de Janeiro, teria pernoitado na colina onde hoje se ergue a Penha de França. Entre seus pertences, estaria uma imagem de Nossa Senhora da Penha de França trazida de sua pátria (e hoje preservada no nicho central da Basílica ali erguida). O episódio que se segue é bastante recorrente nas narrativas acerca do princípio de vários santuários marianos por todo o mundo: a imagem da Virgem teria retornado, inexplicavelmente, ao lugar do pernoite após o peregrino ter seguido viagem. Voltando pelo mesmo caminho à procura da imagem de sua protetora, encontrou-a no outeiro onde havia passado a noite. O episódio se repetiu mais algumas vezes, e o francês, temente e devoto, reconheceu ali um feito miraculoso a lhe indicar a vontade da Mãe do Senhor: permanecer naquela colina. Assim, o peregrino ergueu uma tosca ermida a fim de abrigar a imagem milagrosa, cuja fama se espalhou, atraindo um sem-fim de devotos, que aprimoraram a capela primitiva e constituíram um povoado em torno daquela Igreja da Penha, dando origem ao bairro homônimo.

Sobre essa lenda que ainda povoa o imaginário popular de paulistanos e devotos de outros lugares, podemos apontar alguns dados relevantes. Embora o milagre do viajante francês remeta, por antiquíssima tradição, ao ano de 1667, não existe registro de quando essa versão lendária das origens da Penha de França da cidade de São Paulo começou a ser apregoada entre os fiéis e o clero. Os manuais de devoção mais antigos de que se tem conhecimento já fazem menção a esse episódio, certamente transmitido pela tradição oral há séculos.

De acordo com Arroyo²², o personagem da história é identificado como um francês provavelmente numa tentativa de justificar o nome da devoção e do lugar: Penha de França. Daí resulta a ideia de que a imagem de Nossa Senhora seria procedente do território francês. Parece-nos haver aí uma inconsistência, haja vista que a invocação da Virgem da Penha de França faz referência direta, conforme já expusemos, à serra de mesmo nome, que está localizada na Província de Salamanca, na Espanha, onde principiou essa piedade mariana com a invenção da imagem primitiva de Nossa Senhora em 1434. A Serra, então, dá nome à devoção. Trata-se de mais um dos títulos marianos que é construído a partir de uma referência geográfica onde se deu algum episódio desencadeador da devoção, tal como Monte Carmelo, Montevergine, Altötting, Guadalupe, Fátima, Lourdes etc.

Quanto à própria imagem de Nossa Senhora da Penha, cuja vinda é atribuída ao viajante francês, parece-nos pouco provável ter procedência francesa, posto que



apresenta fortes características da estatuária típica do barroco luso-brasileiro, como veremos adiante.

Outro apontamento interessante de Arroyo²³ diz respeito à condição de peregrino do francês lendário. Ao que tudo indica, isso seria uma reverberação da concepção histórica segundo a qual a região do outeiro da Penha de França era, nos séculos XVI, XVII e XVIII, uma região de pouso e passagem para viandantes, bandeirantes, soldados, comerciantes, tropeiros, sertanistas e peregrinos que partiam de São Paulo a caminho da Vila de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos, Mogi das Cruzes, Vale do Paraíba ou Rio de Janeiro – razão pela qual o destino de nosso peregrino francês seria, segundo a tradição, justamente, a capital fluminense.

Cumprido ressaltar que, apesar do caráter lendário da história e do milagre do viajante francês, nosso estudo está centrado exatamente na questão do caminho percorrido por ele, legítimo e real, como nos atestam Arroyo e Bontempi. Interessamos a compreensão desse caminho também como uma rota para Minas Gerais a partir da segunda metade do século XVII. Podemos, dessa maneira, problematizar a difusão do culto a Nossa Senhora da Penha de França a partir desse itinerário, supondo que tal devoção teria sido irradiada do povoado da Penha de França, então extremo leste da cidade de São Paulo, para as terras mineiras, levada por viajores de várias espécies, mas especialmente bandeirantes paulistas que por ali passaram e tomaram contato com a igreja da Virgem do penhasco, já famosa pelos milagres a ela creditados pela piedade popular paulistana.

Antes, porém, de nos atermos às hipóteses de transmissão da devoção a Nossa Senhora da Penha no eixo São Paulo – Minas Gerais, é imprescindível que façamos uma referência às origens históricas do bairro da Penha de França na cidade de São Paulo, apoiadas em documentação testamental, que atesta sua fundação, de fato, no século XVII. De acordo com Bontempi²⁴, Padre Jacinto Nunes de Siqueira, proveniente de família nobre da Vila de São Paulo, adquiriu terras de Henrique da Cunha Lobo naquele outeiro onde hoje se ergue a velha Igreja da Penha de São Paulo. Ali o clérigo ergueu uma primeira capela onde entronizou a imagem de Nossa Senhora da Penha de França (que, como dito, venera-se, atualmente, na Basílica nova da Penha). É de se supor, assim, que a imagem de Nossa Senhora da Penha de França estivesse de posse do referido padre, considerado sertanista, ou de sua família, e que fosse anterior ao ano de 1667. Muito embora sua procedência, sua data de confecção e seu entalhador e encarnador sejam desconhecidos, a imagem da Virgem apresenta fortes indícios de que se trata de uma escultura portuguesa ou, ao menos, produzida por algum artesão português em solo brasileiro, como já mencionamos e aprofundaremos posteriormente. Parece-nos, dessa forma, improvável a origem francesa da imagem, como reza a lenda.

Enfim, diante dessas evidências documentais acerca dos primórdios do bairro da Penha da capital paulista, Bontempi conclui que

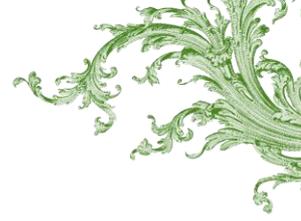


[...] a capela e o bairro originaram-se nos mesmos alicerces. Historicamente, porém, foram fundados pelo Padre Jacinto Nunes de Siqueira, e quando já contava dois séculos e meio a invocação de Nossa Senhora da Penha de França, que se adotou²⁵.

Pois bem, apresentada e esclarecida a oposição, ou melhor, a distinção contida entre as versões lendária e histórica do povoado da Penha de França de São Paulo, percebemos que ambas são consonantes em relação à data (1667) e ao fato de o bairro ter se formado a partir de uma capela dedicada a Nossa Senhora da Penha de França. Essa ermida foi construída, na realidade, para abrigar a imagem da Virgem da Penha, hoje preservada no nicho central da imensa Basílica, construída, a partir de 1957, a poucos metros da primitiva igreja. O antigo templo ainda preserva algumas paredes de taipa do século XVII, remanescentes da primeira capela erguida por Padre Jacinto em 1667, sobretudo na fachada principal [Fig.1].

[Fig.1] Santuário Eucarístico Diocesano de Nossa Senhora da Penha de França (Igreja Velha da Penha). Séc. XVII. São Paulo – SP. Fotografia do autor (2021).





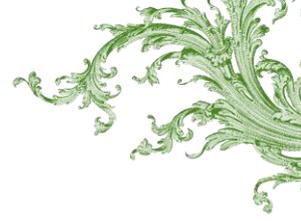
Parece-nos oportuno pensar que, ainda que o episódio milagroso do viajante francês não seja verídico, outros acontecimentos, ocorridos nos primeiros anos após a construção da primeira igreja, contribuíram para o estabelecimento da aura milagrosa que envolveu a imagem da Virgem da Colina da Penha de França, distante cerca de nove quilômetros do núcleo central da Vila de São Paulo. Nesse sentido, Bontempi²⁶ fala-nos da existência de um antigo quadro no interior da igreja, retratando a ocasião em que Padre Jacinto Nunes de Siqueira e seu cavalo saíram ilesos de um acidente – livramento atribuído pela piedade popular e pelo próprio sacerdote à Virgem da Penha.

O autor²⁷ ainda menciona que, em 1685, outro acontecimento naquela Igreja da Penha foi tomado como miraculoso: as portas da igreja teriam se aberto inexplicavelmente sozinhas diante de uma multidão de fiéis. Tal episódio fez com que o então Bispo do Rio de Janeiro, Dom José de Barros de Alarcão, desistisse de seu intento de transferir a imagem de Nossa Senhora de sua igreja no outeiro da Penha de França para um recolhimento que ele idealizara no centro da cidade (e que acabou originando o hoje extinto Recolhimento de Santa Tereza).

Considerando esses episódios de ‘milagres’ mais consagrados e públicos, a população paulopolitana e de outros lugares da Província começou a recorrer à Virgem da Penha, oferecendo-lhe uma impressionante quantidade de ex-votos e bens que variavam desde joias até escravos, terras ou gado, conforme podemos encontrar em testamentos, inventários e outras documentações da época e que se encontram no Arquivo Público do Estado e do Município de São Paulo. Certamente esse aprimoramento da devoção popular em torno de Nossa Senhora da Penha favoreceu o surgimento de várias lendas e narrativas orais acerca dos prodígios realizados pela Virgem, constituindo um ideário religioso que transita entre o mito e milagre, o fantástico e o verídico, o lendário e o histórico. Dessa forma, parece bem conveniente que a gênese dessa devoção naquela colina também fosse revestida de um caráter mais miraculoso do que histórico, tal como constatamos na lenda do francês e a chegada da imagem àquele outeiro de clima agradável e ideal para o pouso de viajantes.

A Colina da Penha de França, chamada Ururaí, localizada a Leste da Vila de São Paulo e posicionada antes do aldeamento de São Miguel (atual bairro de São Miguel Paulista), situava-se próxima aos rios e ribeirões Anhembi (hoje Tietê), Aricanduva e Guaiáúna (atualmente com seus cursos retificados).

De fato, a partir daquele penhasco, que passou a ser conhecido como “Colina Santa”, “Bairro dos Milagres” ou “Bairro-santuário”, podemos constatar um caminho pré-existente à fundação da capela e ao surgimento do arraial da Penha de França e que já passava por aquela região. “Antes do surgimento da capela generalizava-se a designação de Caminho de São Miguel, e ainda se lhe dava o nome de Caminho de Ururaí. [...] Em 1679 já circulava a designação de Caminho de Nossa Senhora da Penha”²⁸.



Como percebemos, a referida estrada ligava o Triângulo Histórico do centro de São Paulo ao seu extremo Leste e, de lá, prosseguia esse caminho para outras paragens próximas ou distantes. E interessam-nos, aqui, justamente, os destinos geográficos que esse caminho possibilitava àqueles que o percorriam. Dentro em breve, vamos tratar, neste artigo, sobre essas rotas.

Na verdade, com o estabelecimento da capela de Nossa Senhora da Penha naquele outeiro e a cristalização de uma imensa devoção popular em torno da imagem da Virgem, o caminho, da região central até a Penha de França, ganha uma nova configuração, predominantemente devocional, o que explica a mudança do nome para Caminho de Nossa Senhora da Penha ou, simplesmente, Caminho da Penha.

De acordo com Arroyo²⁹, o Caminho da Penha, ao longo do qual se constituíram diversos bairros, foi se consolidando para favorecer as transladações da imagem de Nossa Senhora da Penha, nos séculos XVIII e XIX, desde sua igreja no bairro da Penha até a antiga Sé Catedral de São Paulo. Essas transladações aconteciam por iniciativa da Câmara, a fim de que a população recorresse à Virgem – já conhecidíssima pelos episódios miraculosos testemunhados por seus devotos de toda a Província – para pedir pelo fim das recorrentes epidemias de varíola e crises hídricas. Isso rendeu a Nossa Senhora da Penha o título de Padroeira da cidade de São Paulo por aclamação popular (título reconhecido oficialmente, em 1985, pelo Papa João Paulo II, quando da elevação da nova Igreja Matriz da Penha à dignidade de Basílica Menor). Importante mencionar, ainda, que esse Caminho da Penha (atuais avenidas Rangel Pestana e Celso Garcia) passou a desempenhar algo próximo da ‘função devocional’ das vias urbanas de que nos fala G. C. Argan³⁰, à medida que se tornou a principal via de acesso de peregrinos e romeiros que se deslocavam, vindos de toda a cidade para as Festas da Padroeira no bairro da Penha de França em 8 de setembro, considerada, até meados do século XIX, a maior comemoração religiosa de São Paulo³¹.

Como mencionamos, antes mesmo da fundação da Penha de França, a região consistia num ponto estratégico de pouso ou passagem para os que seguiam no antigo caminho de Ururá até outras paragens. Na obra de Diniz, por exemplo, consta uma referência às freguesias de S. Bernardo, do Ó e da Penha: “Estes lugares eram ponto obrigatório por onde passavam antigamente negociantes, tropeiros, condutores de cargas em carros ou às costas de animais, e outros viajantes dos diversos pontos da Província”³².

Na verdade, o caminho tornava-se, a partir da Penha, uma rota, por meio da qual

[...] ia-se a diversas paragens. Ia-se, para menção de algumas, às capelas das chamadas aldeias de cima, de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos e de São Miguel; a Jaguaporeruba, no Tiquatira; ao Jacuí; aos campos do Aricanduva e do Guaiáúna; a Itaquera e a Caguaçu; a Biacica (Itaim) [...]; a Nossa Senhora da Ajuda de Itaquaquecetuba, ao Guaió (Suzano), a Taiaçupeba, pontos estes já no termo da vila de Santana das Cruzes de Mogimirim (Mogi das Cruzes), de onde se podia descer à orla marítima³³.



Tais localidades, hoje, bairros da capital paulista ou municípios da Grande São Paulo, eram as mais próximas da Penha de França. Mas cumpre recordarmos que pela Penha passavam também aqueles que seguiam caminho ao Vale do Paraíba, ao Rio de Janeiro (como é o caso do francês lendário) e, posteriormente, a Minas Gerais. A bem da verdade,

[...] o bairro, sacralizado pelo santuário mariano que o promoveu a cidadela religiosa dos paulistanos, individuou-se não só por isso, mas ainda graças à sua posição geográfica, que o fez até anos finais do século XIX passagem e pouso de viandantes que demandassem as regiões longínquas do Vale do Paraíba, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, ou que delas viessem para São Paulo³⁴.

Ainda sobre a passagem pela Penha de França daqueles que iam às terras mineiras, Bomtempi³⁵, embasado nos escritos do Padre André João Antonil, o primeiro a descrever os caminhos até as Minas Gerais dos Cataguás, afirma que “para alcançarem as terras mineiras os sertanistas gastavam ao menos dois meses, porque não caminhavam o dia todo, faziam alto às duas horas da tarde, ou mais cedo, para descanso e busca de mantimentos”.

De fato, Antonil faz referência direta à igreja de Nossa Senhora da Penha de França ao tratar dos que iam de São Paulo a Minas Gerais. De acordo com o jesuíta, “no primeiro dia saindo da vila de São Paulo, vão ordinariamente a pousar em Nossa Senhora da Penha, por ser (como eles dizem) o primeiro arranco de casa: e não são mais que duas léguas”³⁶.

Rezende, dessa forma, recorda-nos que “não havia apenas um roteiro que seguia de São Paulo para o sertão mineiro, território que se localizava além da Serra da Mantiqueira”³⁷. Nesse sentido, Toledo nos fala acerca do chamado “Caminho dos Paulistas”, que

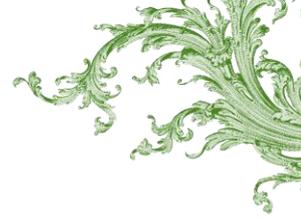
[...] ligava a Vila de São Paulo às Minas Gerais. Iniciava-se na cidade de São Paulo, percorrendo o Vale do Paraíba até atingir Guaratinguetá, onde se encontrava com o “Caminho Velho” (antigo “Caminho dos Guaianases). De Guaratinguetá ia em direção do “Porto de Guayapacaré”, onde ficavam as roças de Bento Rodrigues Caldeira³⁸.

Bomtempi, por sua vez, reforçando a ideia de que a Penha se tratava de uma região de passagem obrigatória ou pouso aos viandantes rumo ao território mineiro, ainda faz menção à

[...] viagem que D. Pedro de Almeida Portugal, Conde de Assumar, empreendeu em 1717. O governante partiu de São Paulo na manhã do dia 27 de setembro, com muitas pessoas que o acompanharam até uma Ermida chamada Nossa Senhora da Penha, distante duas léguas da cidade. O dignitário rezou aos pés da Padroeira, servindo-se de mesa de doces oferecida pelos moradores e retomou a jornada³⁹.

Na verdade, o bairro da Penha de França se desenvolveu em torno da igreja da Padroeira, favorecido pela existência das referidas rotas que por ali passavam.

A posição estratégica no caminho para as Minas Gerais, ademais, tornava constante a presença de todos os atraídos para aquela região. Assim, durante a Guerra dos Emboabas (1707- 1709), a Penha foi rota do comandante paulista Amador Bueno da Veiga, neto de Amador Bueno da Ribeira, que em 1641 havia recusado



o título de rei oferecido por seus compatriotas espanhóis residentes em Piratininga⁴⁰.

Sabemos também que, em “Minas Gerais, as estradas reais se articulavam com outras rotas, como a do comércio que viabilizava o transporte, principalmente através dos tropeiros, para o Rio de Janeiro”⁴¹. Com efeito, no século XVII e os seguintes, as jornadas e rotas de bandeirantes, tropeiros, comerciantes e outros viajores se estendiam pelas regiões de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro – o que pode nos ajudar a compreender, mais adiante, a chegada de Nossa Senhora da Penha de França a Caeté graças a um episódio que relaciona aquele logradouro mineiro à capital fluminense. De qualquer forma, ressaltamos, novamente, que “a colina (da Penha) era o primeiro ponto de parada dos bandeirantes que deixavam a vila de São Paulo em direção às Minas Gerais dos Cataguás, por meio do Vale do Paraíba”⁴².

Acerca do caráter, digamos, ‘religioso’ das bandeiras, isto é, de defesa e difusão da fé e do Império português, de acordo com Lima,

[...] há quem atribua às bandeiras uma “missão superior” (...). Por outras palavras, as ações de devassamento do sertão foram impulsionadas por uma consciência que lembrava cada colono da sua obrigação enquanto cristão e vassalo, assim todo e qualquer esforço representava única e exclusivamente os interesses externos à realidade local⁴³.

Isso talvez nos ajude a compreender o processo de transmissão de devoções católicas pelas bandeiras aos territórios explorados. No que se relaciona ao presente estudo, essa difusão das devoções fica bastante evidente com a fundação de igrejas por bandeirantes, como veremos adiante, particularmente no caso de Pitangui.

Tais colocações reforçam a hipótese que apresentamos de que, cumprindo aquela função religiosa que também cabia às bandeiras paulistas, estas teriam levado o nome de Nossa Senhora da Penha de França da cidade de São Paulo até os territórios desbravados e povoados em Minas Gerais. Isso se deve, sobretudo, ao fato de a Penha ser, como já provamos acima, um local de pouso e passagem desses e outros viajantes que estavam a caminho de vários lugares, inclusive o território mineiro.

Temos ciência também de que a Freguesia de Nossa Senhora da Penha de Araçariguama – SP (datada do início do século XVII e pouco mais antiga que o povoado da Penha de França da Vila de São Paulo), próxima a Santana de Parnaíba – SP, fortemente relacionada ao movimento bandeirista, pode ter sido a responsável pela difusão desse culto entre os bandeirantes paulistas que partiam daquela região. Contudo, sem pretensão alguma de apontar conclusões e fechar questões, supomos que bandeirantes, sertanistas e outros viandantes que passavam pela colina da Penha de França deixavam-se influenciar por aquela atmosfera de ardor religioso do lugar. Isso acontecia, provavelmente, por conta da ‘aura’ miraculosa e do fervor bastante popular em torno da imagem de Nossa Senhora da Penha de França de São Paulo, já conhecida por tantos milagres e prodígios atribuídos a ela por devotos de toda a Província de outrora. Assim, esses bandeirantes, sertanistas e viajantes partiam da



velha igreja ‘impregnados’ e, talvez, influenciados pela devoção à Virgem, disseminando-a, assim, em solo mineiro.

Essa hipótese é geradora de uma problemática historiográfica que pode ser discutida a partir de conceitos e métodos de análise iconográfica-iconológica que a História da Arte nos oferece, auxiliando-nos no mapeamento da devoção a Nossa Senhora da Penha de França sob uma perspectiva artística estabelecida a partir da imaginária que se desenvolveu nas rotas entre São Paulo e Minas Gerais.

Primeiros ecos da Virgem da Penha em Minas Gerais: um itinerário da Colina Paulistana aos sertões mineiros?

Consoante o que mencionamos, o patronato de Nossa Senhora da Penha de França está presente em muitas igrejas e capelas espalhadas por diversos municípios do território mineiro. Augusto de Lima Junior, inclusive, afirma que seria este o estado em que mais se disseminou o culto a essa invocação mariana em todo o Brasil.

Tudo indica que os núcleos mais antigos, isto é, os três primeiros, onde se desenvolveu o culto a Nossa Senhora da Penha em Minas Gerais são o Distrito de Penedia (município de Caeté), a cidade de Pitangui e o Distrito de Vitoriano Veloso, chamado Bichinho (município de Prados), seguidos de outras localidades, por exemplo, o Distrito de Penha de França, Município de Itamarandiba⁴⁴.

Propomo-nos a desenvolver muito brevemente uma abordagem histórica das origens da devoção a Nossa Senhora da Penha de França em Penedia, Pitangui e Bichinho (absolutamente relacionada aos episódios fundantes desses lugares), buscando verificar se tal devoção está vinculada ao movimento das bandeiras paulistas e, conseqüentemente, ao culto à Virgem da Colina da Penha de França da Vila de São Paulo.

Após, pretendemos desenvolver um estudo comparativo dos exemplares escultóricos da Senhora da Penha de França da cidade de São Paulo e dessas localidades mineiras, recorrendo ao método iconográfico-iconológico desenvolvido por E. Panofsky.

Iniciamos pela apresentação da gênese do culto a Nossa Senhora da Penha de França no Distrito de Penedia, em Caeté – MG. Pois bem, de acordo com documentação preservada pela comunidade desse povoado, a capela de Nossa Senhora da Penha é datada dos primórdios do século XVIII, quando se iniciou o processo de extração mineral na região de Caeté. Muito provavelmente a geografia do lugar foi determinante para a escolha da Padroeira, que dava nome antigamente ao lugar: Nossa Senhora da Penha de França – alterado, pelo Decreto-Lei nº 1058 de 31/12/1943, para Penedia, que significa, justamente, local cheio de penedos, isto é, rochedos, penhascos.

Fica evidente que a construção da igreja de Nossa Senhora da Penha de Penedia é da primeira década dos anos 1700 e que a devoção ali estabelecida possivelmente



teria relação com o culto à Virgem da Penha da cidade do Rio de Janeiro (Freguesia de Irajá) a partir do que nos diz o historiador Augusto de Lima Junior:

Em 1709, um capitão da Frota da Índia, Luis de Figueirêdo Monterroio, Senhor de Terranho, sofrendo grave acidente em seu navio, e desembarcando para partir para a aventura do ouro nas Minas Gerais, foi com seus tripulantes até a pequena ermida de Irajá agradecer o milagre de sua cura e implorar à Senhora da Penha e fazer a promessa de erguer-Lhe, logo que chegasse às ambicionadas minas de ouro, uma capela para seu culto. Em sua mineração, cumpriu Monterroio a promessa erguendo a bela ermida de Nossa Senhora da Penha de Caeté, que deu nome à localidade, mandando vir de Portugal a imagem de dois palmos que lá se venera⁴⁵.

Já a fundação da Capela de Nossa Senhora da Penha da cidade de Pitangui, centro-oeste do estado mineiro, tem ligação direta com as bandeiras paulistas, o que nos leva a crer que possa haver alguma relação com a devoção à Virgem da colina da Penha de França de São Paulo, por onde passavam bandeirantes e outros viajantes a caminho das Minas Gerais. Com efeito, de acordo com Monsenhor Vicente Soares, a "Capela de Nossa Senhora da Penha (e de Santo Antônio) é um templo edificado pelos bandeirantes paulistas na paragem do Batatal, em 1720, sob a direção do Capitão José Bicudo, sogro do Velho da Taipa, Capitão Rodrigues Velho"⁴⁶.

A capela primitiva, estando quase em ruínas, foi demolida e deu lugar a uma nova, que "conserva o estilo da velha com predominação do barroco romano. A velha era pobre de valor artístico e só militava em seu favor o brasão de antiguidade, por ser obra dos bandeirantes paulistas"⁴⁷.

Uma reportagem veiculada pelo portal *G1*, em 2015, acerca do trabalho de restauração de peças do Instituto Histórico de Pitangui (IHP) faz referência à imagem de Nossa Senhora da Penha da antiga capela:

Ao todo, são 45 peças. Dentre elas estão a imagem de Nossa Senhora das Dores que foi salva do incêndio na antiga Matriz da cidade, em 1914, e a de Nossa Senhora da Penha trazida por bandeirantes paulistas no Século XVII, quando foi construída a primeira igreja da então Vila de Pitangui, em homenagem à santa⁴⁸.

Por sua parte, o jornal *Estado de Minas* apresentou uma matéria sobre a mesma temática, fazendo, igualmente, menção à imagem da Virgem da Penha, conforme se lê:

Outra imagem restaurada foi a de Nossa Senhora da Penha, trazida pelos primeiros brancos que desbravaram o então inóspito sertão do que viria a ser, em 1720, a capitania das Minas Gerais. Pitangui, hoje com cerca de 30 mil habitantes, foi fundada por bandeirantes paulistas que encontraram pepitas de ouro no morro conhecido atualmente como subida do Batatal. A imagem de Nossa Senhora da Penha, com 80 centímetros de altura e 40cm de largura, estava com a mão direita fixada com material inapropriado. Havia ainda uma camada de repintura⁴⁹.

Finalmente, apresentamos algumas informações históricas sobre a chegada da Virgem da Penha ao Distrito de Vitoriano Veloso, o Bichinho, que, presumivelmente, tem alguma influência do culto à Senhora da Penha de França da capital paulista.

Acerca da ereção da Capela do Bichinho assim nos fala Freitas:



No ano de 1729, os moradores do arraial do Bichinho, então pertencente à Freguesia de São José do Rio das Mortes, adquiriram provisão para erguimento de uma capela com a invocação de Nossa Senhora da Penha. Acreditamos que a construção dessa capela tenha se iniciado ainda na primeira metade do século XVIII, dando origem a um templo rudimentar e erguido com materiais precários⁵⁰.

Embasada nos relatos de Antonil (1711) acerca do bairro da Penha de França de São Paulo, os quais apresentamos anteriormente, Ermida levanta o pressuposto de a devoção à Senhora da Penha ter sido trazida ao Bichinho a partir da referida colina (entre o Tietê e o Aricanduva) da capitania de São Paulo:

O chamado “Caminho Velho”, que partia da vila de São Paulo para Minas Gerais, foi originariamente utilizado, e seu primeiro pouso, de uma viagem que duraria cerca de dois meses, era feito ainda na capitania de São Paulo entre o Rio Tietê e o Vale de Aricanduva (...). Esse elemento pode sugerir que a Virgem teria partido de São Paulo na bagagem das bandeiras, que eram regularmente acompanhados por um capelão⁵¹.

Precisamos esclarecer que, efetivamente, no povoado do Bichinho, existem duas imagens de Nossa Senhora da Penha de França, sobre as quais nos fala Ermida:

Ao longo da história das Minas setecentista, o pequeno e próspero arraial recebeu duas imagens da santa que “escolheu” para cultuar. Sem ser uma das mais populares entre as escolhas das irmandades mineiras coloniais, ou mesmo uma devoção de origem portuguesa, pois é de origem espanhola, a virgem de França percorreu um longo caminho até chegar ao altar do arraial do Bichinho. Duas imagens se encontram atualmente em Vitoriano Veloso, uma data da primeira metade do século XVIII e a outra da segunda metade, porém, apenas uma está no altar da igreja⁵².

De acordo com Ermida⁵³, ainda que a tradição popular considere a imagem menor da Virgem da Penha (datada da segunda metade do século XVIII e que se encontra num oratório de esmolter) como a primitiva, uma análise do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) atestou que a escultura mais antiga, isto é, aquela datada da primeira metade do século XVIII, é a maior, que hoje se encontra no altar-mor da Igreja do Bichinho. É a essa imagem maior e mais antiga, de origem portuguesa, a que vamos nos referir nas posteriores análises iconográficas.

Visando ao estabelecimento de um estudo artístico comparativo que nos ajude a pensar a transmissão e circulação da devoção a Nossa Senhora da Penha no eixo São Paulo – Minas Gerais (e, eventualmente, Rio de Janeiro), passamos, então, à análise iconográfica e iconológica dos exemplares escultóricos da Virgem da Penha de França. Desenvolveremos o estudo, precisamente, daquela imaginária que se estabeleceu e se cristalizou no Santuário e na Basílica de Nossa Senhora da Penha da capital paulista e nas capelas de Penedia (em Caeté), Pitangui e Vitoriano Veloso, o Bichinho (em Prados) – essas três últimas, cremos, pioneiras do culto à Virgem do Penhasco em Minas Gerais conforme procuramos atestar.

Trabalhadas em madeira policromada, encarnada (e, em alguns casos, dourada), as quatro imagens supracitadas apresentam o entalhe de uma figura feminina que carrega seu filho (coincidentemente, sempre no braço esquerdo). Consistem em representações da Virgem com o Menino nas quais o entalhador preocupou-se em



retratar Maria não com as vestes típicas de uma mulher hebreia dos tempos bíblicos em que viveu, mas fazendo uso de vestimentas e atributos da realeza, com mantos reais, coroa e cetro. Estamos diante de exemplares barrocos absolutamente inseridos no contexto contrarreformista de combate às heresias advindas do Protestantismo.

Consoante o que nos afirma Sebastián⁵⁴, frente à Reforma, a Igreja reagiu com o reconhecimento, por parte de teólogos católicos, da figura de Maria como triunfadora sobre as heresias, a grande combatente e vencedora dos ultrajes proferidos pelo Protestantismo nascente. As colocações de Lutero e Calvino eram comparadas às de Ário e Nestório, vencidos pelas verdades da fé católica. Essa reação da Igreja como uma verdadeira luta da fé ficou marcada em inúmeras obras de arte com grandes investimentos eclesiásticos.

Côncios desse contexto em que se desenvolve a arte barroca, tratemos, inicialmente, das vestimentas da Virgem e do Menino nos quatro exemplares escultóricos que sinalizamos acima.

Na imagem de Nossa Senhora da Penha de França da cidade de São Paulo [Fig.2], com cerca de 75 cm, o vestido da Virgem, em forma de túnica longa, é verde-claro e trabalhado com esgrafito. Preso ao pescoço por uma espécie de diadema vermelho, existe um manto azul-marinho com elementos fitomorfos em esgrafito e, ainda, relevo dourado (*pastiglio*) nas bordas e barras. Esse manto recobre as costas da Senhora e, diagonalmente, as pernas até a cintura, sobre a qual há uma cinta vermelha, que, neste caso, recorda a virgindade perpétua de Maria (e que nos remete à faixa ou cinta que observamos nas imagens de Nossa Senhora da Conceição e que evocam, de certa forma, o mesmo mistério, porém evidenciando a gravidez da Virgem). As vestes são longas e vão até o chão, encobrindo-lhe os pés. Ainda recobre inteiramente a Virgem, da cabeça aos pés, um manto em tecido branco, com formato triangular, preso ao topo da cabeça pela coroa – o que nos permite classificar tal escultura como imagem de semi-vestir, visto que o referido manto, provavelmente ofertado pela piedade popular como ex-voto há séculos, pode ser observado nas gravuras e registros fotográficos mais antigos da Virgem da Penha paulistana. Desse modo, Maria não permanece com a cabeça descoberta, uma vez que não existe um véu entalhado na escultura, deixando seus cabelos castanhos e ondulados totalmente à mostra, bem como suas pequenas orelhas. Já o Cristo infante, que a Virgem carrega, veste túnica marrom-clara decorada com esgrafito e presa à cintura também por uma cinta vermelha.

Por sua vez, a escultura de Nossa Senhora da Penha [Fig.3] que se venera na capela de Caeté – MG apresenta um panejamento bastante semelhante à de São Paulo, tanto no vestido (túnica) da Virgem quanto no manto que lhe cai a partir do pescoço sobre as costas e lhe recobre diagonalmente parte das pernas até a altura da cintura. Neste caso, temos claramente uma repintura sobre a policromia original, com um vestido cor-de-rosa, um manto azul-turquesa com forro azul-marinho e uma cinta



dourada. Vestido e manto possuem algumas flores estilizadas como elemento decorativo. Essas semelhanças entre as imagens do povoado de Penedia e da cidade de São Paulo contribuem para supormos com mais segurança a procedência portuguesa do exemplar paulistano, já que a de Caeté é oriunda de Portugal, conforme o relato da história do capitão Luis de Figueirêdo Monterroio. Existem, porém, alguns diferenciais das vestes da Virgem de Caeté em relação à da capital paulista, a saber:



[Fig. 2] Anônimo. *Nossa Senhora da Penha de França*. Séc. XVII. Madeira policromada e dourada. 75 x 30cm. Basílica de Nossa Senhora da Penha, São Paulo – SP. Fotografia: Arquivo da Basílica de Nossa Senhora da Penha (2019).



[Fig. 3] Anônimo. *Nossa Senhora da Penha de França*. Séc. XVIII. Portugal. Madeira policromada. 110 x 40cm. Capela de Nossa Senhora da Penha de França, Distrito de Penedia, Caeté – MG. Fotografia: Evelen Fátima das Mercês (2021).

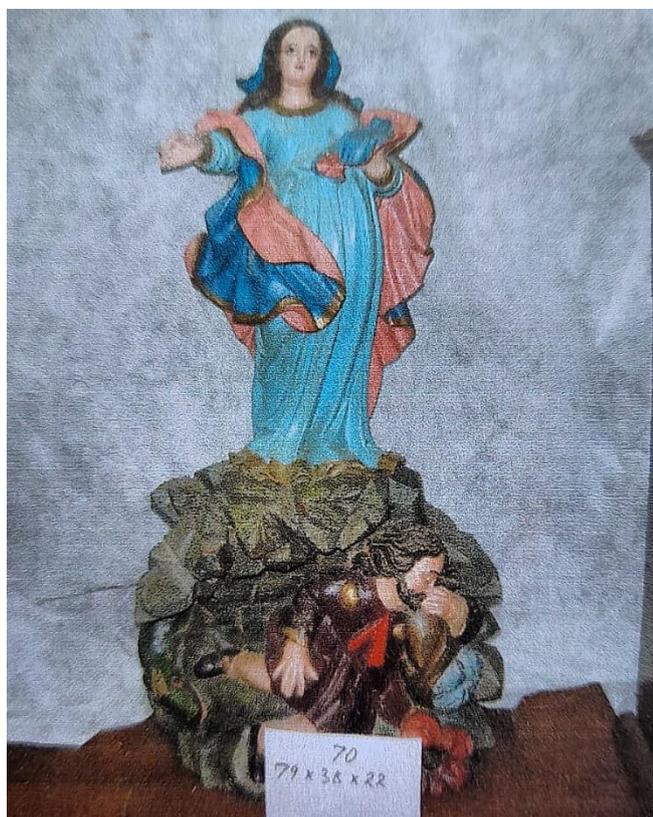
A imagem de Nossa Senhora da Penha de Penedia apresenta o entalhe de um segundo manto azul-marinho com forro branco descendo-lhe a partir dos ombros e recobrendo toda a parte posterior da escultura, como que uma capa, fazendo as vezes daquele manto de tecido que encontramos na imagem paulistana. Também constatamos, nessa imagem mineira, uma espécie de véu (semelhante a uma ‘pala’, parte do hábito das religiosas), recobrendo a cabeça e o pescoço, emoldurando o rosto e deixando cabelo e orelhas velados. Esse véu também pode ser observado na imagem de Nossa Senhora da Penha do Rio de Janeiro – RJ, igualmente de procedência



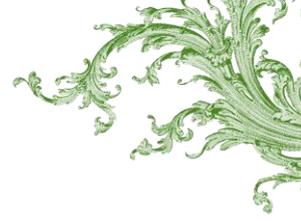
portuguesa. Já o Menino Jesus da Virgem da Penha de Caeté veste uma túnica branca com adornos dourados na gola e nas barras.

Sobre a imagem de Nossa Senhora da Penha de França de Pitangui [Fig.4], a partir dos registros fotográficos contidos em ficha catalográfica disponibilizada pelo Instituto Histórico e Geográfico do Município, constatamos nela um drapeado que sugere movimentação do corpo e das vestes, com aspecto um tanto ‘esvoaçante’. A Virgem veste uma túnica azul-turquesa, que lhe encobre os pés. Um manto em tom azul mais escuro com forro rosado, pendendo de seus ombros, recobre inteiramente as costas de Maria. Finalmente, sobre a cabeça da Senhora existe um véu também azul, que deixa parcialmente à vista seus cabelos bipartidos, castanhos e ondulados, cujas mexas recaem sobre os ombros. Existem frisos dourados na gola e nas barras das vestes. O braço direito está flexionado, mas não apresenta atributo algum. Também está ausente a imagem do Menino Jesus, que, muito provavelmente, estivesse apoiado por sobre a mão esquerda da Virgem, aberta e posicionada junto ao peito, como quem sustém algo ou alguém.

Ainda que iconograficamente a imagem da Penha de Pitangui não tenha muitos pontos em comum com aquela da Penha de São Paulo, não desconsideramos que a motivação para a chegada do nome da Virgem àquela localidade mineira se deva ao culto afamado da Senhora do penhasco paulistano junto aos bandeirantes.



[Fig. 4] Anônimo. *Nossa Senhora da Penha de França*. Séc. XVIII. Madeira policromada. 79 x 38cm. Museu Sacro de Pitangui - MG. Fotografia: Ficha catalográfica – Instituto Histórico e Geográfico de Pitangui.



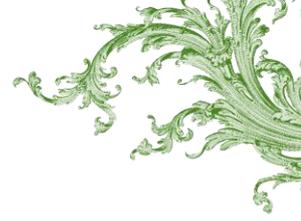
Já as vestes da Virgem e o Menino representados na imagem de Nossa Senhora da Penha de França [Fig.5], policromada e dourada, que preside o altar-mor da igreja do Distrito de Vitoriano Veloso – MG, apresenta características demasiado particulares. O estofamento apresenta certo grau de requinte com a aplicação de esgrafito, pintura a pincel, punção e relevo (*pastiglio*) dourado e sugere bastante movimentação (sobretudo nas pernas) e leveza, evidenciadas pelo panejamento sinuoso e esvoaçante e pelas contorções da cintura – que se opõe à rigidez e frontalidade observadas, sobretudo, na postura da Virgem de São Paulo (o que é natural por se tratar de uma imagem mais antiga, provavelmente da primeira fase do período barroco, meados da primeira metade do século XVII), mas um pouco também na de Caeté.



57

[Fig. 5] Anônimo. *Nossa Senhora da Penha de França*. Primeira metade do séc. XVIII. Portugal. Madeira policromada e dourada. Capela de Nossa Senhora da Penha de França, Distrito de Vitoriano Veloso (Bichinho), Prados – MG. Fotografia: João Paulo de Freitas.

As cores das vestes da imagem da Penha do Bichinho são semelhantes às das imagens de Nossa Senhora da Conceição que circulavam no contexto luso-brasileiro



àquela época; e também o panejamento se aproxima daquele da imagem de Nossa Senhora da Penha que principiou essa devoção na cidade de Crato – CE. Dessa forma, na imagem de Nossa Senhora da Penha de Vitoriano Veloso, o Bichinho, Maria faz uso de uma túnica com manga revirada (evidenciando o forro verde-escuro) e uma subtúnica de mangas justas, cuja tonalidade prevalente, à distância, é de um verde-claro amarronzado. Pendendo a partir do ombro esquerdo, um manto azul-marinho com forro vermelho lhe recobre as costas e parte das pernas na parte anterior. Toda a vestimenta está ornada com detalhes dourados, flores e folhas. O Cristo menino está totalmente nu, assentado na mão esquerda da Mãe sobre um pequeno tecido branco e esboça um sinal de bênção com a mãozinha direita. Por fim, sobre a cabeça, a Virgem faz uso de um véu com tons claros e elementos decorativos dourados, o qual permite que seus cabelos castanho-claros fiquem à vista e duas mexas recaiam sobre o ombro direito.

Neste caso, embora a imagem seja procedente de Portugal e com uma iconografia da Virgem da Penha provavelmente já difundida e cristalizada em território lusitano, interessa-nos a possibilidade de a devoção (isto é, a difusão do nome da Senhora da Penha e o intento de implantá-lo no Bichinho) ser oriunda da capital paulista. Semeada essa devoção no solo do Bichinho, fez-se necessária, então, a encomenda de uma imagem da Virgem, ainda que com características diferentes daquela que já venerava há algum tempo em São Paulo e que talvez tenha motivado a escolha da Padroeira do novo arraial mineiro.

Concluindo a análise das vestimentas das virgens penhenses em estudo, é interessante apontarmos que, em todas as imagens, os pés estão ocultos pelo vestido longo, que chega a arrastar por sobre a superfície pisada por Maria. E o único exemplar que possui a cabeça descoberta, com seus cabelos bipartidos totalmente à mostra, é o de São Paulo, contrariando a imaginária portuguesa mais comum, que, geralmente apresenta o entalhamento de um véu, a exemplo da imagem venerada em Funchal.

Como já mencionamos, em todas as esculturas tratadas (à exceção daquela de Pitangui), temos a presença do menino Jesus⁵⁵, carregado pela Virgem Mãe no braço esquerdo. Nas imagens da Penha de São Paulo e Caeté, o Menino carrega um orbe azul à mãozinha esquerda, evocando a onipotência divina de Cristo sobre o mundo e o universo, reforçando o poder da Igreja e, no caso de Portugal e Espanha, talvez uma referência à política de expansão ultramarina dos reinos.

Passamos, agora, a tratar dos atributos presentes nas esculturas que analisamos. Em todas as peças evidencia-se, solenemente, a majestade de Maria – sinal da Igreja que combate e triunfa sobre as heresias, especialmente o movimento da Reforma – não apenas por meio do vestuário, mas também pelos atributos da coroa real sobre a cabeça da Senhora (e do Menino) e do cetro carregado por Maria à destra, evidenciado pelo braço levemente flexionado. Na imagem da Virgem da cidade de São Paulo



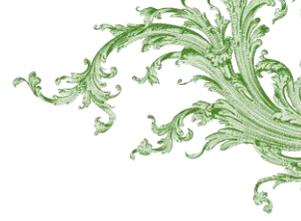
encontramos os dois atributos, sendo o cetro em ouro e as coroas em prata. Na imagem de Caeté, o cetro foi substituído por um buquê de flores ou folhagens coloridas, e o menino Jesus, diferentemente da Mãe, não possui coroa, mas um resplendor prateado. Já a escultura da Senhora da Penha de França do Bichinho apresenta também as coroas em prata e um cetro torneado. A imagem de Pitangui, no que lhe concerne, muito provavelmente apresentasse coroa e também cetro (conforme sugere o gestual da mão direita).

É imprescindível que tratemos, na sequência, também de outros atributos presentes nas imagens e que não estão relacionados à majestade ou realeza, mas são fundamentais para a identificação da imaginária estabelecida em torno da invocação mariana de Nossa Senhora da Penha de França. Estamos falando das representações que Maria tem aos pés, ou melhor, sobre as quais ela repousa. No exemplar paulistano, a Virgem pisa por sobre uma elevação lisa e arredondada, sem relevos, protuberâncias ou ranhuras e que, parece-nos, faz alusão a uma formação rochosa, um pequeno monte. Originalmente essa elevação era escura, de cor negra, mas recentemente, numa ‘restauração’ realizada em 2017, recebeu douramento que acabou descaracterizando o ‘penhasco’ em que Nossa Senhora repousa e que alude, provavelmente, à serra da Penha de França, que nomeia essa invocação mariana.

Nas imagens da Virgem da Penha dos Distritos de Penedia e Vitoriano Veloso, fica bastante evidente o penhasco sobre o qual se apoia a Virgem com o Menino. A de Caeté apresenta uma elevação maior, em tons de marrom-escuro. O monte que se observa na imagem do povoado do Bichinho tem tons que variam entre o marrom-claro e o cinza, garantindo o aspecto pedregoso. Já, a imagem da Senhora de Pitangui encontra-se sobre um penhasco de tons verdes e acinzentados, dotado de um diferencial: incrustado no monte, existe a figura de um peregrino reclinado e dormindo, do qual trataremos a seguir. Interessante que a vestimenta marrom do homem tem certa semelhança com aquela relativa à imaginária de santos peregrinos, tais como São Tiago ou São Roque.

Um singularismo do exemplar escultórico de Nossa Senhora da Penha de França que se encontra no retábulo-mor da igreja do Bichinho diz respeito ao jacaré verde que está posicionado no lado esquerdo do monte rochoso sobre o qual pisa Maria – o que rendeu à Virgem a invocação popular de “Nossa Senhora do Bichinho”, que, segundo Freitas⁵⁶, pode ser uma das razões pelas quais o povoado recebeu tal nome. Esse jacaré é, na verdade, uma variação do chamado lagarto da Penha de França, relacionado ao Santuário de Nossa Senhora da Penha de França da cidade de Lisboa.

Esta nova iconografia foi baseada na história de um milagre realizado neste santuário, onde um peregrino exausto adormece sobre um relvado e é despertado por um lagarto antes de ser picado por uma serpente. Estes novos figurantes são imediatamente incorporados à iconografia da santa com diversas variações, aparecendo por vezes a imagem de um crocodilo ou de um jacaré no lugar do lagarto, influência de forma bastante significativa dos regionalismos, principalmente nas representações de fatura mais popular⁵⁷.



Interessante apontarmos que história semelhante acontece na Freguesia de Irajá, na cidade do Rio de Janeiro, principiando, com o capitão Baltazar de Abreu Cardoso, a devoção a Nossa Senhora da Penha por lá em 1635. Curiosamente, a imagem primitiva de Nossa Senhora da Penha de França que hoje se venera no Santuário-Basílica do Rio de Janeiro, datada do final do século XVII, não apresentava, originalmente, as figuras de Baltazar, a cobra e o lagarto – figurantes que, junto com a representação de uma montanha pedregosa, foram acrescentados à base da imagem apenas posteriormente. No entanto, essa representação iconográfica da Senhora da Penha acompanhada das demais figuras foi uma das que mais se difundiu no Brasil, muito provavelmente irradiada do Rio de Janeiro e não de Lisboa. De qualquer forma, sabemos que, no caso da imagem do Bichinho, a referência iconográfica é absolutamente ligada à imaginária lisboeta da Virgem da Penha, uma vez que a referida escultura tem procedência portuguesa.

Já a figura masculina de um peregrino aos pés da Virgem de Pitangui está, possivelmente, também associada à tradição portuguesa, porém omitindo a representação do lagarto (ou jacaré) e da serpente. Provavelmente porque apoiada na lenda do peregrino português e influenciada pelo contexto histórico local, a tradição popular de Pitangui associe aquela figura masculina a um garimpeiro que teria sido atacado pela serpente.

Ressaltamos, neste ponto, outra referência importante, desta vez em relação às cores. Como afirmamos, a imagem de Nossa Senhora da Penha do Distrito de Penedia no Município de Caeté, a mais antiga dessa invocação da Virgem no estado mineiro, apresenta uma repintura em que prevalecem o cor-de-rosa e o azul-turquesa nas vestes, além de um véu branco. As mesmas cores prevalecem na Senhora da Penha de Pitangui. E são essas exatamente as colorações que compõem a vestimenta da imagem de Nossa Senhora da Penha da capital fluminense na atualidade. Todavia não sabemos se as cores originais da imagem de Caeté eram também essas (o que é plausível de ser pensado por existir ali forte relação histórica com o Rio de Janeiro [Fig.6], de acordo com a narrativa breve apresentada) ou se temos apenas uma influência mais contemporânea, presente na repintura da mesma.

Nesse sentido, convém, ainda, apontarmos que a escultura mais antiga de Nossa Senhora da Penha no Brasil [Fig.7], a do Convento da Penha, em Vila Velha – ES, chegada ao país, em 1570, sendo uma imagem de vestir, possui roupagem, igualmente, nas cores rosa e azul, como se convencionou representá-la nos últimos tempos. (Cores, inclusive, que coincidem com as da bandeira do estado do Espírito Santo, do qual a Virgem da Penha é a Padroeira oficial). Temos, assim, mais um santuário da Penha que, ao lado daquele do Rio de Janeiro, corrobora e estratifica a identificação cromática de Nossa Senhora da Penha com as cores rosa e azul-claro (curiosamente, variações mais suaves do vermelho e azul-marinho, típicos da Imaculada Conceição), influenciando enormemente na concepção iconográfica da mesma no Brasil e,



consequentemente, na sua produção artística. Não raras vezes, por conta dessas cores tão características, bem como pela presença do Menino aos braços e dos atributos da coroa e do cetro, a Virgem da Penha acaba sendo confundida com Nossa Senhora Auxiliadora, cujas representações populares são mais contemporâneas.



[Fig. 6] Anônimo. *Nossa Senhora da Penha de França*. Séc. XVII. Portugal. Madeira policromada. 84cm (sem base com o monte e as figuras do homem e dos animais). Santuário-Basilica de Nossa Senhora da Penha de França, Rio de Janeiro - RJ. Fotografia: Jussara Faria Cestari (2021).



[Fig. 7] Anônimo. *Nossa Senhora da Penha*. Séc. XVI. Portugal. Madeira policromada. Convento da Penha, Vila Velha – ES. Fotografia: Frei Róger Brunorio OFM.



INRI



Já que tratamos de figuras e personagens que estão aos pés da Virgem da Penha, parece pertinente, nesta altura, mencionarmos a existência (ou não) de anjos nas imagens em questão. As figuras angélicas estão ausentes nos exemplares de Penedia, Pitangui e do Bichinho; por outro lado, notamos a presença de querubim na imagem de São Paulo: um *putto* que está centralizado aos pés da Virgem. Curiosamente, nenhuma das peças analisadas possui um trio de querubins (talvez nos reportando à Santíssima Trindade), como se constata na imagem de Nossa Senhora da Penha preservada na Igreja Matriz de Nossa Senhora Mãe dos Homens em Porto Feliz – SP [Fig.8] e nas imagens de Nossa Senhora da Penha do Distrito de Penha de França, em Itamarandiba – MG [Fig.9].

[Fig. 8] Anônimo. *Nossa Senhora da Penha*. Séc. XVIII. Madeira policromada. Igreja Matriz de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Porto Feliz – SP. Fotografia: Flávio Torres



[Fig. 9] Anônimo. *Nossa Senhora da Penha de França*. Séc XVIII (?). Madeira policromada. Igreja de Nossa Senhora da Penha de França, Distrito de Penha de França, Itamarandiba – MG. Fotografia: Gelte Guimarães.



Do ponto de vista teológico, a presença dos anjos recorda-nos o entendimento da Virgem Maria como Rainha dos Anjos (*Regina Angelorum*), aludindo diretamente ao Mistério da sua Assunção (*Regina in caelum assumpta*), proclamado dogma em 1950, mas cultuado no Oriente séculos antes com a comemoração da Dormição de Nossa Senhora (*Dormitio Mariae Virginis*), que, no contexto luso-brasileiro, manifestou-se, sobretudo, no período colonial (mas que ressoa até os dias atuais), no culto a Nossa Senhora da Boa Morte e da Glória ou Assunção, veneradas por Irmandades e/ou Confrarias de mesmo nome, que ergueram altares ou igrejas em honra da Senhora Morta e Assunta aos céus. A bem da verdade, as figuras dos anjos aos pés da Virgem sintetizam e evocam diversas invocações de Maria hoje incorporadas à Ladainha Lauretana.

Acerca dos semblantes da Mãe de Jesus representados na estatuária de São Paulo, Penedia, Pitangui e Bichinho temos expressões bastantes diferentes e características. O exemplar de São Paulo, por seu turno, possui olhos de vidro e lábios semicerrados, que esboçam um sorriso discreto e deixam os dentes à mostra. A imagem de Penedia, ao que tudo indica, não dispõe mais da carnação original. A de Pitangui aparenta ter feição serena, com olhar direcionado para cima. Finalmente, a Senhora do Bichinho tem uma feição mais sóbria e olhar bastante expressivo e frontal, direcionado ao seu observador.

Enfim, ao estudarmos a difusão e a variação iconográfica do culto a Nossa Senhora da Penha de França no Brasil, procuramos determinar um recorte histórico e artístico no eixo São Paulo – Minas Gerais, mas que também estabelece pontes com Espanha, Portugal, Rio de Janeiro, Goiás (para onde a devoção possivelmente se irradiou a partir do território mineiro) e outros lugares aqui mencionados ou não, como num ‘mapeamento devocional’. Essa abordagem nos possibilita, justamente, pensar na devoção em circulação, o que nos remete à ideia de irradiação e série (sequência) dessa invocação mariana por diversos lugares e em tempos distintos. Tantas influências e vários fatores sociais, políticos, econômicos e culturais, para muito além do contexto estritamente religioso, contribuíram para a construção e o desenvolvimento do culto a Nossa Senhora da Penha. De fato, as

[...] imagens sagradas nunca foram assunto exclusivo da religião, mas também (e sempre) da sociedade que se expressava na religião e por meio dela. (...) O papel real das imagens religiosas (...) não pode, assim, ser entendido unicamente em termos de conteúdo teológico⁵⁸.

Ora, comumente, ao se pensar numa dada devoção, busca-se entender o seu desenvolvimento ou sua ocorrência em um determinado lugar, num recorte bastante pontual. Nosso objetivo aqui, contudo, consistiu na compreensão da devoção de forma mais ampla: não isolada ou circunscrita a uma região, mas em diálogo com outras tantas paragens e outros contextos. Partindo, então, de um estudo artístico comparativo de teor iconográfico e iconológico, embasado na metodologia estabelecida por Panofsky, buscamos analisar exemplares escultóricos da Virgem da



Penha de França, de modo particular aqueles da capital paulista e das capelas de Penedia (em Caeté), Pitangui e Vitoriano Veloso (em Prados). A partir desse entendimento dinâmico da imaginária devocional, sem a pretensão de determinar conclusões, levantamos hipóteses de semelhanças, distinções e singularismos simbólicos. Esses elementos nos ajudam a compreender a problemática de transmissão do culto e do nome de Nossa Senhora da Penha de França, desde São Paulo a Minas Gerais, bem como as particularidades, lacunas e evidências que advêm desse itinerário de fé, história e arte e que permanece tão instigante quanto os caminhos percorridos nas rotas dos séculos passados entre esses dois estados.

Notas e bibliografia

¹ MADEIRA, Fernando; AVILEZ, Larissa. Festa da Penha 2021: veja fotos da Romaria das Famílias. **A Gazeta**. 11 abr 2021. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/fotos/festa-da-penha-2021-veja-fotos-da-romaria-das-familias-0421>. Acesso em: 11 abr. 2021.

² FESTA das Neves e Romaria da Penha se tornam Patrimônio Cultural da PB. **Jornal da Paraíba**. João Pessoa, 29 ago. 2019. Disponível em: https://jornaldaparaiba.com.br/noticias/vida_urbana/2019/08/29/festa-das-neves-e-romaria-da-penha-se-tornam-patrimonio-historico-cultural-e-imaterial-da-pb. Acesso em 15 ago. 2020.

³ ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE. **Nossa Senhora da Penha**. Disponível em: <https://www.arquidiocesolindarecife.org/nossa-senhora-da-penha/>. Acesso em 2 fev. 2021.

⁴ DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO – PREFEITURA DE GUARINOS. **Fé e devoção marcaram os 268 anos de romaria em Guarinos**. Disponível em: <http://guarinos.go.gov.br/novo/fe-e-devocao-marcaram-os-268o-anos-de-romaria-em-guarinos/>. Acesso em: 13 maio 2020.

⁵ FERNANDES, Rafael. Festa da Penha completa 385 anos com missa, queima de fogos e carreata. **Diário do Rio**. Rio de Janeiro, 23 out 2020. Disponível em: <https://diariodorio.com/festa-da-penha-completa-385-anos-com-missa-queima-de-fogos-e-carreata/>. Acesso em 11 nov. 2020.

⁶ CENTENAS de fiéis participam da 21ª Caminhada da Penha em Votorantim. **G1 Sorocaba e Jundiá**, 28 abr 2019. Disponível em: <https://diariodorio.com/festa-da-penha-completa-385-anos-com-missa-queima-de-fogos-e-carreata/>. Acesso em 8 set. 2020.

⁷ PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Penha comemora 351 anos com festa, caminhada, exposições e desfiles**. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/penha/noticias/?p=86724>. Acesso em: 30 ago. 2020.

⁸ BLOG DOS JORNALISTAS. Festa de Nossa Senhora da Penha, em Atafona, acontece com 30% da capacidade e transmissão online. **Jornal On-line Terceira Via**, 12 abr. 2021. Disponível em: <https://www.jornalterceiravia.com.br/2021/04/12/festa-de-nossa-senhora-da-penha-em-atafona-acontece-com-30-da-capacidade-e-transmissao-online/>. Acesso em 12 abr. 2021.

⁹ COLUNGA, P. Alberto. **Santuario de la Peña de Francia**. Salamanca: Editorial San Esteban, 1990, p.23-26.

¹⁰ FILHO, Atílio Colnago. Senhora da Penha: ícone da fé quinhentista no Espírito Santo. **Revista Farol**, Vitória, n. 7, 2006. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/farol/article/view/11466/8040>. Acesso em 25 mar.2021, p. 80.

¹¹ MEGALE, Nilza Botelho. **Invocações da Virgem Maria no Brasil**. São Paulo: Vozes, 2008, p. 80.



- ¹² GALVÃO, Lúcia Noya; RATIS, Salomé. Da religiosidade canônica à popular: a Basílica da Penha do Recife – Pernambuco. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, jul. 2003. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/489/315>. Acesso em: 8 abr.2021.
- ¹³ BEZERRA, Mara Danuza (Org). **Araçariguama: cidade portal do interior**. São Paulo: Sowilo, 2017, p. 28.
- ¹⁴ CAPELA da Penha poderá ser tombada pelo Estado. **Folha de Votorantim**, Votorantim, 10 mar. 1994, p.5.
- ¹⁵ BONTEMPI, Sylvio. **Penha Histórica**. São Paulo: Universidade Cruzeiro do Sul, 2001, p. 33.
- ¹⁶ SANTOS, Valdir dos; FAUSTINO, Maria Aparecida. **Igreja Matriz de N. S. Mãe dos Homens – História, Arte, Espiritualidade**. [s.l.:s.n] 2004, p. 11.
- ¹⁷ CHAVES, José Maria da Conceição. **Memórias do antigo Arraial de Nossa Senhora da Penha de França da Laje**, atual cidade de Resende Costa, desde os proêmios de sua existência até os dias presentes. Resende Costa. Amirco, 2014, p. 74.
- ¹⁸ DIOCESE DE GUAXUPÉ. Paróquia Nossa Senhora da Penha – Passos – MG. Disponível em: <https://guaxupe.org.br/paroquias/paroquia-nossa-senhora-da-penha-passos-mg>. Acesso em: 8 set. 2020.
- ¹⁹ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA PENHA – BARBACENA – MG (Canal). **Fotos da antiga igreja de Nossa Senhora da Penha**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qmzuwp24k80>. Acesso em: 15 set. 2020.
- ²⁰ BONTEMPI, *op. cit.*, p. 24.
- ²¹ ARROYO, Leonardo. **Igrejas de São Paulo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p. 176-177.
- ²² ARROYO, *op. cit.*, p. 176-177.
- ²³ ARROYO, *op. cit.*, p. 176-177.
- ²⁴ BONTEMPI, *op. cit.*, p. 26-28.
- ²⁵ BONTEMPI, *op. cit.*, p. 25.
- ²⁶ BONTEMPI, *op. cit.*, p. 56.
- ²⁷ BONTEMPI, *op. cit.*, p. 59-61.
- ²⁸ BONTEMPI, *op. cit.*, p. 50.
- ²⁹ ARROYO, *op. cit.*, p. 178.
- ³⁰ ARGAN, Giulio Carlo. **Imagem e Persuasão: Ensaio Sobre o Barroco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 73.
- ³¹ JESUS, Edson Penha. **Penha: de Bairro Rural a Bairro Paulistano**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo. Orientação Margarida Maria de Andrade. São Paulo, 2006, p. 62.
- ³² DINIZ, Firmo de Albuquerque. **Notas de Viagem**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1978, p. 48.
- ³³ BOMTEMPI, *op. cit.*, p. 52.
- ³⁴ BOMTEMPI, *op. cit.*, p. 63.
- ³⁵ BOMTEMPI, *op. cit.*, p. 64.
- ³⁶ ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013, p. 187.
- ³⁷ REZENDE, Ana Maria Nogueira. **Fluxos globais no século XVIII: a produção do *modus vivendi e operandi* no entorno da Estrada Real Picada de Goiás**. Dissertação de Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017, p. 58.
- ³⁸ TOLEDO, Francisco Sodero. Desbravamento e povoamento no Vale do Paraíba paulista no final do século XVIII. **Revista da Faculdade Salesiana**. Lorena, n. 25, p.50, 1976 (parênteses nossos).
- ³⁹ BOMTEMPI, *op. cit.*, p. 64.
- ⁴⁰ PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **O Bairro da Penha de França**. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/HB_penha_1285346695.pdf. Acesso em: 8 jun.2021.
- ⁴¹ PRADO JR., 1986 apud REZENDE, *op. cit.*, p.144.
- ⁴² MARQUES, G. apud PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, *op. cit.*, p. 14.



- ⁴³ LIMA, Leandro Santos de. **Bandeirismo paulista: o avanço na colonização e exploração do interior do Brasil (Taubaté, 1645 a 1720)**. Dissertação de Mestrado em História apresentada à Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011, p. 25.
- ⁴⁴ De acordo com relatos orais de moradores do Distrito, as origens do povoado remetem ao ano de 1839, a partir de uma aparição de Nossa Senhora a um escravo. Também há referências a essa aparição no *Dossiê para o Tombamento da Igreja de Nossa Senhora da Penha pelo Conselho Deliberativo de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural do Município* de 1998 (p. 19), fornecido pela Secretaria Municipal de Esportes, Lazer, Cultura e Turismo da Prefeitura Municipal de Itamarandiba – MG.
- ⁴⁵ LIMA JÚNIOR, Augusto de. **História de Nossa Senhora em Minas Gerais: origens e principais invocações**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1956, p. 172.
- ⁴⁶ SOARES, Monsenhor. **A História de Pitangui**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1972, p. 137-138.
- ⁴⁷ SOARES, *op. cit.*, p. 137-138.
- ⁴⁸ WELBERT, Ricardo. Imagens sacras com mais de 300 anos são restauradas em Pitangui. **G1 Centro-Oeste de Minas**. 11 jan. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2015/01/imagens-sacras-com-mais-de-300-anos-sao-restauradas-em-pitangui.html>. Acesso em 13 maio 2021.
- ⁴⁹ LOBATO, Paulo Henrique. Imagens religiosas são recuperadas em Pitangui. **Estado de Minas**, 19 maio 2015. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/05/19/interna_gerais,648927/historia-cercada-de-carinho.shtml. Acesso em: 16 jul. 2021.
- ⁵⁰ FREITAS, João Paulo de. **“No meio do Bichinho tinha uma pedra” – Estudo sobre a Igreja de Nossa Senhora da Penha de Vitoriano Veloso**. Bacharelado em História apresentado ao curso de graduação em História. Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei, 2017, p. 15.
- ⁵¹ ERMIDA, Vera. **De Arraial do Bichinho a Distrito de Vitoriano Veloso: a confecção artesanal das narrativas identitárias de um povoado nas Minas Gerais do Brasil**. Tese de Doutorado em Estudos Contemporâneos apresentada à Universidade de Coimbra. Coimbra, 2018, p. 183.
- ⁵² ERMIDA, *op. cit.*, p. 181.
- ⁵³ ERMIDA, *op. cit.*, p. 182.
- ⁵⁴ SEBASTIÁN, Santiago. **Contrarreforma y Barroco: Lecturas iconográficas e iconológicas**. Madrid: Alianza, 1989, p. 195-196.
- ⁵⁵ Sabemos ser bastante comum e tradicional em algumas comunidades católicas o gesto piedoso de se vestir a imagem do Menino Jesus carregado pela Virgem (ou por algum outro santo, como Santo Antônio ou São Benedito), mesmo que, no entalhe, o Cristo não esteja nu. Isso acontece, de modo geral, como um pagamento de promessas, de forma que a veste funcione como ex-voto. Não é o caso do Menino da Virgem da Penha de São Paulo, que, ao que tudo indica, inclusive por fotos e estampas mais antigos, nunca recebeu algum tipo de roupa sobre a escultura. Também não observamos vestes de tecido na imagem de Caeté. Tal vestição do Cristo infante verificamos, por exemplo, nas imagens de Nossa Senhora da Penha de França de Lisboa – Portugal, Vila Velha – ES, Itapira – SP, João Pessoa – PB, Crato – CE, Itamarandiba – MG e do Bichinho- MG, sobretudo por ocasião das Festas da Padroeira, novenas ou procissões. Por outro lado, a figura de Maria também recebe mantos de tecido em lugares diversos, tal como em Lisboa – Portugal, Vista Alegre – Portugal, Vila Velha – ES, Rio de Janeiro – RJ, Crato – CE, Itapira – SP, Atafona – RJ e, claro, São Paulo, conforme mencionado.
- ⁵⁶ FREITAS, *op. cit.*, p. 14.
- ⁵⁷ FILHO, *op. cit.*, p. 79.
- ⁵⁸ BELTING, Hans. **Semelhança e Presença: a história da imagem antes da era da arte**. Rio de Janeiro: Ars Urbe, 2010, p. 3.

Artigo enviado para publicação: 16/08/2021

Artigo aceito para publicação: 18/11/2021